

# A DITONGAÇÃO VARIÁVEL EM SÍLABAS TÔNICAS FINAIS TRAVADAS POR /S/

Lúcia Lovato Leiria

**RESUMO:** *This paper aims at presenting a quantitative study of diphthongization resulting from anterior glide insertion in final stressed syllables closed by /S/, such as nós - nois, mês - meis, in Portuguese as spoken in Porto Alegre, Florianópolis and Curitiba. The investigation follows the theoretical assumptions of variation studies. Figures related to linguistic features have shown that low vowels followed by alveolar fricative favor rule application when this segment belongs to the root of the word and joins the following word. Extralinguistic features have revealed the rule is strongly related to geographic variation. A curvilinear pattern has also been observed, suggesting linguistic change in progress.*

**PALAVRAS-CHAVE:** ditongação, variação, fatores lingüísticos, fatores extralingüísticos.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, estão apresentados os resultados do estudo sobre a ditongação variável no português falado nas três capitais do Sul do Brasil, que deu origem à minha dissertação de mestrado<sup>1</sup>. Foram estudados especificamente os ditongos orais que se formam por inserção do glide anterior em sílabas tônicas finais travadas por /S/, por exemplo, *nós - nois, através - atravéis*.

Os dados foram extraídos de 36 entrevistas da amostra do Projeto Variação Lingüística do Sul do País - VARSUL, perfazendo um total de 1.725 contextos com 700 ocorrências do fenômeno, o que equivale a um percentual geral de 41% de aplicação da regra. Esses dados foram analisados sob a perspectiva da Teoria da Variação (LABOV, 1975) e submetidos aos programas do Pacote VARBRUL (SANKOFF, 1986).

---

Lúcia Lovato Leiria é professora nas Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis e na Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS.

LEIRIA, Lúcia L. *A ditongação variável em sílabas tônicas travadas por /S/*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1995.

A codificação dos dados foi realizada com base em oito variáveis, quatro lingüísticas e quatro extralingüísticas, listadas abaixo:

- 1) qualidade da vogal;
- 2) ponto de articulação da sibilante coronal;
- 3) *status* morfêmico da sibilante coronal;
- 4) sândi externo;
- 5) variedade geográfica;
- 6) sexo;
- 7) grau de escolarização;
- 8) faixa etária.

Este estudo teve como objetivos identificar o contexto lingüístico mais favorável à formação do ditongo, a configuração do uso da regra ao longo do contínuo geográfico e o *status* da ditongação dentro do sistema, ou seja, se apresenta indícios de mudança lingüística ou se corresponde a uma variação estável.

Três foram as hipóteses norteadoras: 1) a aplicação da ditongação é controlada pelo contexto lingüístico; 2) o uso quantitativo da regra está relacionado com as diferenças dialetais do ponto de vista geográfico; 3) a ditongação é uma regra variável que se apresenta como indicio de mudança no sistema.

A seguir, estão apresentados os resultados do estudo. A ordem de apresentação das variáveis segue a ordem de seleção fornecida pelo Pacote VARBRUL, que vai da variável mais relevante à menos relevante estatisticamente em relação à aplicação da regra.

### ***APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS***

Neste item, podem ser conferidos os resultados do estudo. As variáveis, como já foi dito, estão apresentadas conforme a ordem de importância estatística fornecida pelo VARBRUL.

#### **Variedade Geográfica**

A variável *Variedade geográfica* foi considerada a mais importante do ponto de vista estatístico. Do ponto de vista lingüístico, esse resultado indica que o uso da ditongação está fortemente relacionado com a variação dialetal de caráter geográfico.

Quando se decidiu controlar esta variável, acreditava-se haver variação quanto ao uso da regra nos três estados do Sul; no entanto, não se tinha hipótese quanto à configuração exata dessa variação.

Na Fig. 1, podem ser conferidos os valores correspondentes à variação geográfica do fenômeno estudado:

A influência da Variedade Geográfica na aplicação da ditongação (número, percentual e peso relativo) no português falado em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba (VARSUL)

Fatores	N/Total	%	Peso Relativo
Porto Alegre	181 / 790	23	0,26
Florianópolis	184 / 236	44	0,68
Curitiba	335 / 515	65	0,73
TOTAL	700 / 1.725	41	

Fig.1

Os resultados configuraram-se de forma retilínea, mostrando que o uso da ditongação se torna mais freqüente à medida que nos distanciamos do extremo sul do país: peso de 0,26 para falantes de Porto Alegre; 0,68 para falantes de Florianópolis; 0,73 para falantes de Curitiba.

Esse fato abre espaço para duas interpretações. Primeiro, demonstra que o Rio Grande do Sul corresponde a um dos pontos extremos do espaço geográfico em que a regra varia, conforme a definição de contínuo dialetal geográfico apresentada por Chambers & Trudgill (1980, p.6).

A outra interpretação refere-se ao princípio de identidade local (LABOV, 1969). Com base nele, pode-se levantar a hipótese de que os gaúchos estejam bloqueando a entrada da forma ditongada no sistema como forma de preservação de identidade.

### Qualidade da vogal

A ditongação, conforme Foley (1977, p.86), por ser um processo de fortalecimento, ocorre preferencialmente com vogais fortes. Essa afirmação baseia-se no *Princípio de Desenvolvimento Inercial*, segundo o qual os processos de fortalecimento ocorrem primeiro em elementos fortes e mais preferencialmente em ambientes fortes, e os processos de enfraquecimento, ao contrário, ocorrem primeiro com elementos fracos e mais preferencialmente em ambientes fracos. Segundo o autor, nas línguas latinas, /a/ é a vogal mais forte, e /i/, a mais fraca.

A partir do controle da variável *Qualidade da vogal*, esperava-se que a vogal /a/, devido a sua intensidade de força, fosse o segmento mais favorecedor da aplicação da regra, seguido de /E/, /O<sup>2</sup>, /e/, /o/. Por outro lado, na presença de /i/ e /u/, por serem vogais fracas, esperava-se baixa aplicação da regra.

Os resultados relativos à variável *Qualidade da vogal* podem ser vistos na figura abaixo.

<sup>2</sup> /E/ e/O/ representam, respectivamente, as vogais média baixa anterior e média baixa posterior.

A influência da Qualidade da Vogal na aplicação da ditongação (número, percentual e peso relativo) no português falado em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba (VARSUL)

Fatores	N/ Total	%	Peso Relativo
u (luz)	1 / 50	2	0,04
i (feliz)	9 / 106	8	0,12
o (propôs)	2 / 19	11	0,24
/O/ (nós)	101/ 298	34	0,41
e (mês)	352/ 814	43	0,55
a (rapaz)	176/ 335	53	0,67
/E/ (dez)	60 / 103	58	0,70
TOTAL	701 / 1.725	41	

Fig.2

Conforme pode ser conferido na figura, a vogal /E/ apresentou-se como a maior motivadora do fenômeno, com peso relativo de 0,70, seguida da vogal /a/- 0,67. Esses índices permitem afirmar que as vogais baixas oferecem condições ótimas para a aplicação da regra. A vogal /O/, considerada baixa, com peso relativo de 0,41, no entanto, contraria essa afirmação. Também causou surpresa a distância entre os pesos relativos de /e/ e /o/.

As vogais /u/- 0,04 e /i/- 0,12, por outro lado, apresentaram-se como as menos favorecedoras da formação do ditongo, de acordo com as expectativas.

Os números, na sua maioria, confirmam a hipótese relacionada à aplicação da regra e à qualidade da vogal. No entanto, o fato de a vogal /O/ apresentar um resultado estranho às expectativas significa que esse aspecto do trabalho necessita de um estudo mais detalhado.

### Ponto de articulação da sibilante coronal

Segundo Bisol (1994), tanto as sibilantes alveolares quanto as palatais oferecem condições satisfatórias para a aplicação da regra. Assim, com o controle desta variável, esperava-se pesos relativos altos e semelhantes na presença de qualquer uma das sibilantes - alveolares ou palatais.

Os valores correspondentes a esta variável podem ser conferidos na Fig. 3.

A influência do Ponto de Articulação da Sibilante Coronal na aplicação da ditongação (número, percentual e peso relativo) no português falado em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba (VARSUL)

Fatores	N/ Total	%	Peso Relativo
alveolar [s], [z]	640 / 1.510	42	0,54
palatal [s], [z]	60 / 215	28	0,24
TOTAL	700 / 1.725	41	

Fig.3

Observa-se que os resultados não confirmaram a hipótese. A sibilante alveolar demonstrou ser mais favorecedora na formação do ditongo, com peso

relativo de 0,54, em comparação com a sibilante palatal, com peso relativo de apenas 0,24.

Por apresentarem resultados bastante estranhos ao que se esperava, pesos relativos baixos e distantes entre si, os dados requerem reanálise também quanto a esta variável.

### **Grau de escolarização**

Três níveis de escolaridade foram observados neste estudo: primário, ginásio e secundário. Com o controle desta variável, esperava-se que a aplicação da regra fosse mais favorecida nos grupos de escolarização mais baixa, conforme a aceção de Kroch (1976) de mudança lingüística, ou que os índices mais altos fossem apresentados pelo grupo de escolaridade média, seguindo o padrão de mudança estabelecido por Labov (1980).

A seguir, na Fig.4, estão apresentados os resultados correspondentes ao grau de escolarização.

A influência do Grau de Escolarização na aplicação da ditongação (número, percentual e peso relativo) no português falado em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba (VARSQL)

Fatores	N/Total	%	Peso Relativo
primário	214 / 562	38	0,48
ginásio	302 / 615	49	0,61
secundário	184 / 548	34	0,40
Total	700/1.725	41	

Fig.4

Como pode ser conferido na figura acima, os resultados mostraram que, no recorte considerado, os falantes do centro da escala utilizam mais a regra em estudo, com peso relativo de 0,61, que os falantes dos pontos extremos da amostra, cujos índices são 0,48, para os falantes de escolarização mais baixa, e 0,40, para os falantes de escolarização mais alta. Esse resultado é representado graficamente pelo padrão curvilíneo, considerado por Labov o padrão que representa uma mudança lingüística em progresso. Cabe observar, entretanto, que a amostra não inclui os pontos extremos da escala social, isto é, analfabetos, por um lado, e falantes com instrução superior, por outro, o que, se considerado, poderia alterar os dados acima.

### **Sândi externo**

O contexto controlado, sem aplicação da regra, tem a seguinte estrutura silábica: C<sub>1</sub>V<sub>1</sub>C<sub>2</sub>## (nós). Após a aplicação da regra essa estrutura passa a C<sub>1</sub>V<sub>1</sub>C<sub>2</sub>C<sub>3</sub>## (nóis), que, conforme Hooper (1986, p.196), não é considerado um bom padrão silábico.

Ocorrendo sândi entre o contexto controlado e o contexto seguinte, uma vogal, resulta uma cadeia de segmentos do tipo  $C_1V_1C_2C_3V_2$  (nóisagora). Desta cadeia, originam-se duas novas sílabas não marcadas:  $C_1V_1C_2$  (nói) e  $C_3V_2$  (sa).

Com esta variável, esperava-se observar se o padrão silábico exercia ou não papel na aplicação da regra. Considerando que o padrão silábico resultante da aplicação da regra sem ocorrência de sândi entre o contexto controlado e o contexto seguinte é um padrão marcado, e os padrões resultantes da aplicação da regra com ocorrência de sândi são não marcados, esperava-se que a ditongação fosse favorecida quando houvesse ocorrência de sândi externo.

A seguir, estão apresentados os resultados dos fatores componentes desta variável, na Fig. 5.

A influência do Sândi Externo na aplicação da ditongação (número, percentual e peso relativo) no português falado em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba (VARSUL)

Fatores	N / Total	%	Peso Relativo
Com sândi	262 / 549	48	0,57
Sem sândi	438 / 1.176	37	0,47
Total	700 / 1.725	41	

Fig.5

Com base nos resultados apresentados na figura acima, parece haver evidências favoráveis à hipótese formulada: na ocorrência de sândi o peso relativo foi de 0,57 em oposição a 0,47, quando não ocorre sândi externo. Isso nos permite levantar a possibilidade de que o sândi externo seja um fenômeno que ocorra para acomodar o padrão silábico marcado resultante da aplicação da ditongação.

### Faixa etária

A partir de uma das hipóteses norteadoras deste trabalho, esperava-se que a ditongação se apresentasse como indicio de uma mudança que estivesse entrando no sistema. Assim, com o controle da idade dos informantes, esperava-se que os jovens usassem mais a forma ditongada que os velhos.

Na Fig. 6, estão dispostos os valores referentes a esta variável.

A influência da Faixa Etária na aplicação da ditongação (número, percentual e peso relativo) no português falado em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba (VARSUL)

Fatores	N/Total	%	Peso Relativo
Jovens	335 / 857	39	0,46
Velhos	365 / 868	42	0,54
TOTAL	700 / 1.725	41	

Fig.6

Os resultados, no entanto, mostraram que os velhos usam mais a variável em estudo, com peso relativo de 0,54 que os jovens, 0,46. Todavia, como a

diferença entre os pesos relativos é pouco expressiva e considerando-se o tamanho pequeno da amostra, essa questão fica também em aberto para futuros estudos.

### **Status morfêmico da sibilante**

Esta variável foi dividida em duas subcategorias, *sibilante pertencente à raiz da palavra* (três) e *sibilante pertencente aos morfemas derivacional ou flexional* (camponês, pés). Ela foi estabelecida com vistas a observar se a inserção do glide é uma regra que se aplica apenas no limite interno da palavra ou se ultrapassa as fronteiras de morfema.

Tendo em vista que as fronteiras controladas neste estudo são do tipo mais fracas (HYMAN, 1975, p.196), esperava-se que a força bloqueadora exercida por elas na aplicação da regra em estudo fosse também fraca, resultando pesos relativos semelhantes em ambos os casos.

Na Fig. 7, podem ser conferidos os resultados referentes à influência desta variável na aplicação do fenômeno.

A influência do Status Morfêmico da Sibilante Coronal na aplicação da ditongação (número, percentual e peso relativo) no português falado em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba (VARSUL)

Fatores	N/Total	%	Peso Relativo
Sibilante na raiz (mês, paz)	653 / 1.586	41	0,51
Sibilante no sufixo(pés, camponês)	47 / 139	34	0,40
TOTAL	700 / 1.725	41	

Fig.7

Os resultados mostraram que a aplicação da ditongação, ainda que pouco, é favorecida quando a sibilante encontra-se na raiz da palavra, com peso relativo de 0,51, em oposição ao peso relativo de 0,40, quando a sibilante encontra-se nos sufixos. A diferença de 11 pontos contraria a hipótese formulada inicialmente e demonstra que essa regra se aplica preferencialmente no limite interno da palavra e que a fronteira de morfema, embora fraca, exerce uma certa função bloqueadora na aplicação dessa regra.

### **Sexo**

A influência do fator *sexo* é normalmente estudada em fenômenos que envolvem mudança ou variação lingüística. Segundo, Labov (1990), as mulheres lideram os processos de mudança, ao passo que os homens usam mais as formas não-padrão nos casos de variação estável. Com o controle desse fator, esperavam-se resultados que revelassem indícios de mudança ou características de variação estável.

Esta variável, entretanto, foi eliminada pelo programa por não apresentar correlação relevante do ponto de vista estatístico com o uso da regra. Isso pode ser

conferido na Fig.8, em que podem ser observados valores probabilísticos próximos entre si e também próximos ao ponto neutro (0,50).

A influência do Sexo na aplicação da ditongação (número, percentual e peso relativo) no português falado em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba (VARSUL)

Fatores	N/Total	%	Peso Relativo
mulher	350 / 888	39	0,48
homem	350 / 837	42	0,53
TOTAL	700 / 1.725	41	

Fig.8

O fato, estranho à primeira vista, de a variável *sexo* ter sido eliminada pelo programa encontra respaldo na literatura. Labov (1990, p.212) afirma que, apesar de a maioria das variáveis sociolingüísticas já estudadas estar correlacionada ao fator sexo, nem todas mostram esse efeito, conforme exemplos de estudos citados. Assim, se essa amostra for ampliada e essa variável apresentar a mesma peculiaridade deste estudo, a ditongação poderá ser citada como exemplo desses fenômenos em que o sexo dos falantes não se manifesta de forma significativa.

## CONCLUSÃO

Para finalizar, é preciso, inicialmente, retomar os objetivos que se pretendiam alcançar com este estudo e suas hipóteses norteadoras. Os objetivos principais foram identificar, através do controle das variáveis lingüísticas explicativas, o contexto lingüístico mais favorável à aplicação da regra; verificar, com base no controle das variáveis extralingüísticas, a configuração do uso da regra ao longo do contínuo geográfico; e identificar se a ditongação apresentava-se como variação estável ou mudança lingüística dentro do sistema.

O estudo foi desenvolvido com base em três pressupostos. Em primeiro lugar, esperava-se que o uso da regra fosse favorecido pela presença das vogais baixas, seguidas da fricativa alveolar ou palatal, quando esta estivesse dentro do limite interno da palavra e formasse sândi com o contexto seguinte. Acreditava-se também que o uso da regra estivesse correlacionado às diferenças dialetais do ponto de vista geográfico. E, por fim, pressupunha-se que a ditongação apresentasse indícios de mudança lingüística.

Com base nos resultados referentes aos fatores lingüísticos, que oferecem informações sobre o contexto mais favorável à aplicação da regra, concluiu-se que a ditongação se aplica preferencialmente na presença das vogais /E/ e /a/, seguidas da fricativa alveolar quando esta pertence à raiz da palavra e forma sândi com o contexto seguinte ao controlado.

Quanto aos fatores extralingüísticos, os resultados permitiram afirmar que a principal característica da regra é seu forte caráter dialetal do ponto de vista geográfico, revelado pelo grupo de fatores *Variedade geográfica*. A variável *Grau*

de escolarização foi outro fator que apresentou resultados interessantes, pois assumiu a configuração do padrão curvilíneo que representa mudança no sistema lingüístico. Entretanto, cabe lembrar que o recorte deste estudo não incluía os pontos extremos da escala social – analfabetos e universitários.

Por fim, vale também ressaltar que o fator sexo, geralmente associado a fenômenos de variação e mudança lingüística, foi eliminado deste estudo pelo programa computacional. Esse fato, apesar estranho num primeiro momento, já foi relatado na literatura em estudos anteriores.

### **BIBLIOGRAFIA**

- BISOL, Leda. Ditongos derivados. *DELTA*, São Paulo, v. 10, n.1 p. 123-140, 1994.
- CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1980.
- FOLEY, James. *Foundations of theoretical phonology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1977.
- HOOPER, Joan B. *An introduction to natural generative phonology*. New York, State University of New York Academic Press, 1976.
- HYMAN, Larry M. *Phonology: theory and analysis*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1975.
- KROCH, Anthony S. Toward a theory of social dialect variation. *Language in Society*, Great Britain, v. 7, n. 1, p.17-36, 1976.
- LABOV, William. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. *Language*, Baltimore, v. 45, n. 4, p.715-762, dez. 1969.
- \_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Language in the inner city*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1975.
- \_\_\_\_\_. The social origins of sound change. In: Labov, W (ed.). *Locating Language in time and space*. Philadelphia, University of Pennsylvania, p.251- 64, 1980.
- \_\_\_\_\_. The interaction of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change*, New York, v. 2, n. 3, p.205-254, 1990.
- ROUSSEAU, Pascale, SANKOFF, David. Advances in variable rule methodology. In: SANKOFF, David (ed.) *Linguistic Variation: models and methods*. New York, Academic Press, p. 145-57, 1978.
- SANKOFF, David. *VARBRUL programs*. xerox. 1986.